

A tradição indígena Tikuna no Alto Solimões sob a ótica do conservadorismo

Bruno Gomes de Araújo¹

Resumo: O artigo propõe uma análise comparativa entre o conservadorismo clássico de Russell Kirk, especialmente nos princípios de ordem moral, tradição e prudência, e a tradição e resistência cultural do povo indígena Tikuna da Amazônia. Utilizando o conservadorismo ocidental como lente metodológica, o estudo investiga como valores como continuidade histórica e sabedoria ancestral se manifestam na organização social Tikuna, com destaque para o papel da tradição e da memória ancestral. O caso do Movimento da Santa Cruz (1971) é examinado como exemplo das tensões e sincretismos entre a tradição indígena e elementos do conservadorismo cristão, revelando que, em contextos de crise, a busca por ordem moral e projetos de restauração atua como mecanismo de resistência e rearticulação social. O artigo conclui que, embora o *ethos* Tikuna seja um sistema próprio de conservação cultural, a análise das intersecções entre ordem, tradição e sabedoria amplia o entendimento sobre as diversas formas de conservação cultural e problematiza o conceito de tradição.

Palavras-chave: Conservadorismo, Tradição Tikuna, Alto Solimões.

The Tikuna Indigenous Tradition in the Upper Solimões from the Perspective of Conservatism

Abstract: This article proposes a comparative analysis between Russell Kirk's classical conservatism - particularly its principles of moral order, tradition, and prudence - and the cultural tradition and resistance of the Tikuna Indigenous people of the Amazon. Using Western conservatism as a methodological lens, the study investigates how values such as historical continuity and ancestral wisdom manifest in Tikuna social organization, emphasizing the role of tradition and ancestral memory. The case of the Santa Cruz Movement (1971) is examined as an example of the tensions and syncretisms between Indigenous tradition and elements of Christian conservatism, revealing that, in contexts of crisis, the pursuit of moral order and restoration projects acts as a mechanism of resistance and social rearticulation. The article concludes that, although the Tikuna *ethos* constitutes its own system of cultural preservation, the analysis of the intersections between order, tradition and wisdom broadens the understanding of diverse forms of cultural conservation and problematizes the concept of tradition.

Keywords: Conservatism, Tikuna Tradition, Upper Solimões.

La tradición indígena Tikuna en el Alto Solimões bajo la óptica del conservadurismo

Resumen: El artículo propone un análisis comparativo entre el conservadurismo clásico de Russell Kirk, especialmente en los principios de orden moral, tradición y prudencia, y la tradición y resistencia cultural del pueblo indígena Tikuna de la Amazonía. Utilizando el conservadurismo occidental como lente metodológica, el estudio investiga cómo valores como la continuidad histórica y la sabiduría ancestral se manifiestan en la organización social Tikuna, destacando el papel de la tradición y la memoria ancestral. El caso del Movimiento de la Santa Cruz (1971) se examina como ejemplo de las tensiones y sincretismos entre la tradición indígena y los elementos del conservadurismo cristiano, revelando que, en contextos de crisis, la búsqueda del orden moral y los proyectos de restauración actúan como mecanismos de resistencia y rearticulación social. El artículo concluye que, aunque el *ethos* Tikuna constituye un sistema propio de conservación cultural, el análisis de las intersecciones entre orden, tradición y sabiduría amplía la comprensión de las diversas formas de conservación cultural y problematiza el concepto de tradición.

Palabras clave: Conservadurismo, Tradición Tikuna, Alto Solimões.

¹ Doutor em Geografia, docente do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - Campus Tabatinga.

Introdução

A primeira vista, o conservadorismo de Russell Kirk e a organização social dos índios Tikunas do Alto Solimões parecem pertencer a universos inteiramente distintos - um, expressão de uma tradição filosófica ocidental, de matriz europeia; o outro, resultado de um modo de vida ancestral profundamente enraizado na floresta amazônica. Contudo, uma análise mais atenta revela que, apesar das diferenças materiais e culturais, ambos compartilham certos princípios éticos e morais que remetem a uma concepção comum de ordem natural. Essa convergência se manifesta em valores como o respeito à tradição, a centralidade da comunidade, a harmonia entre o humano e o sagrado e a busca por uma vida em conformidade com leis que transcendem a vontade individual.

‘Esses pontos de contato podem ser compreendidos à luz da noção de direito natural, entendida como o conjunto de princípios universais e imutáveis que derivam da própria natureza humana e da ordem do cosmos, servindo de fundamento ético para as leis e costumes de uma sociedade. Em outras palavras, o direito natural pressupõe que há uma justiça anterior e superior às convenções humanas, acessível pela razão ou pela experiência moral compartilhada. Assim, tanto o conservadorismo kirkiano, ao valorizar a ordem moral permanente, quanto a visão tikuna, ao manter o equilíbrio entre os seres e o respeito às tradições, refletem um reconhecimento comum dessa dimensão natural e transcendente da vida social.

O pensamento conservador de Russel Kirk

O filósofo político Russell Kirk (1918-1994), principal estudioso do pensamento conservador norte-americano do século XX, propôs uma sistematização exaustiva da filosofia política fundada na valorização da ordem moral, da tradição histórica e da continuidade social. Em sua obra seminal *The Conservative Mind* (1953) - traduzida como “*A Mente Conservadora*” (2020), e especialmente no ensaio *Ten Conservative Principles* (1993), ou “*Dez Princípios Conservadores*” (2013), Kirk apresentou os fundamentos de sua visão de mundo, na qual a tradição é concebida como o elo vital entre o passado, o presente e o futuro.

O pensamento conservador, no contexto acadêmico é frequentemente interpretado pelas categorias progressistas como uma apropriação ou

reinterpretação que diverge da autodeterminação dos povos originários. Acadêmicos de linha marxista que iniciam pesquisas sobre o tema, tendem a enquadrá-lo numa perspectiva colonizadora que reforça a domesticação ideológica, especialmente no que tange aos povos indígenas. Ao contrário dessa visão, o pensamento conservador é um estado de coisas que atravessa as relações humanas, e rege a forma duradoura das tradições dos povos e sua organização social.

O conservadorismo é uma metodologia, um estado de coisas, e não uma ideologia, pois está presente em todas as culturas, e como elemento de resistência, reclama a ordem, a coesão social, bem como protege as identidades frente os processos globalizantes de desterritorialização cultural.

O conservadorismo enquanto elemento de resistência, existe em todas as culturas, sendo fundamental para a ordem e coesão social. Ele não se opõe a reformas, mas sim à destruição dos valores virtuosos, agindo na proteção das identidades culturais contra os processos globalizantes de desterritorialização. Neste sentido, o conservadorismo se distancia das ideologias progressistas que rompem com a tradição, de modo que para Kirk (2020), o conservadorismo não é uma ideologia rígida, mas uma disposição ética que reconhece a existência de uma ordem moral transcendente – muitas vezes associada à religião revelada – que rege a natureza humana e as instituições legítimas.

Para Kirk (2013), o conservadorismo se estrutura em crenças fundamentais que priorizam a ordem e a continuidade. Central a essa filosofia é a convicção de que a sociedade ideal reflete uma "ordem moral transcendente", superior à vontade individual, e que se manifesta através da razão, da revelação e dos costumes. Consequentemente, há uma profunda valorização da tradição, vista como um repositório de sabedoria acumulada por gerações, mais confiável do que as inovações racionais modernas. O princípio da prudência dita que as mudanças sociais devem ser graduais e cautelosas, sempre embasadas em experiências históricas comprovadas.

Além disso, o conservadorismo advoga o princípio da variedade, que exige que as instituições respeitem a diversidade intrínseca das sociedades e comunidades locais. A liberdade individual é firmemente conectada à proteção da propriedade privada e das instituições que a garantem, sendo esta uma peça-chave para a estabilidade social. Por fim, a "imperfeição humana" é um reconhecimento intrínseco, o que leva à necessidade de conter o poder e

Revista Ocidente, v. 1, nº 2, p. 1-16, out./dez. 2025.

valorizar as tradições estabelecidas, em vez de buscar sistemas perfeitos e inatingíveis.

Ao valorizar a ordem social e a continuidade histórica à luz dos princípios supracitados, o conservadorismo de Kirk (2013) se opõe às utopias revolucionárias e aos projetos políticos de ruptura. Em vez disso, propõe que a sociedade floresça quando as instituições e os costumes são respeitados como expressões de uma sabedoria orgânica, desenvolvida ao longo do tempo. A tradição, vista como a "voz dos mortos que ensina os vivos", é outro pilar fundamental de Kirk, que defende que a sabedoria coletiva, transmitida através das gerações, é crucial para a estabilidade e orientação moral da sociedade, pois indivíduos isolados não conseguiram reconstruir a civilização do zero. O princípio da prudência, por sua vez, afirma que mudanças sociais devem ser graduais e testadas, evitando rupturas bruscas que podem gerar instabilidade e desordem. Para ele, "qualquer medida política deve ser julgada pelo provável resultado a longo prazo, não pela intenção imediata" (KIRK, 2013, p. 7).

A diversidade orgânica das comunidades humanas é também enfatizada por Kirk como parte da ordem natural. Ele rejeita os modelos de uniformização social e celebra as diferenças históricas e regionais como expressões saudáveis da vida comunitária. A reflexão posterior terá como partida a hipótese de que certos elementos do conservadorismo - como o respeito à continuidade histórica, à sabedoria ancestral e à limitação prudente das transformações - encontram ecos na lógica interna das sociedades Tikuna, que sustentam sua coesão por meio de mitos de origem, rituais de passagem e sistemas simbólicos de regulação da vida coletiva.

Contudo, destacamos também as tensões profundas entre o pensamento conservador de matriz ocidental-cristã e a cosmovisão ameríndia, cuja relação com a natureza, o tempo e a autoridade política segue princípios próprios, e muitas vezes, incompatíveis com os pressupostos liberais e institucionais do conservadorismo moderno.

A partir dessas formulações, nota-se que o conservadorismo kirkiano possui elementos que podem ser colocados em diálogo com formas tradicionais de organização social - subentende-se formas não ocidentais -, como é o caso da cultura Tikuna. Ambas as perspectivas, apesar das diferenças culturais e

históricas, valorizam a continuidade, a autoridade espiritual e a sabedoria acumulada como fatores de estabilidade e sobrevivência.

2. Tradição e ordem mística do povo Tikuna na Amazônia

O povo Tikuna habita uma região estratégica da tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru, onde sua presença ancestral vem sendo continuamente confrontada por forças de aculturação, evangelização e integração estatal. Ainda assim, os Tikuna têm demonstrado uma notável capacidade de conservar seus mitos fundacionais, suas práticas cerimoniais e seus modos de organização social, revelando uma concepção de mundo onde o tempo é cíclico, a autoridade é ritualizada e a natureza é parte integrante da ordem moral do universo.

Os Tikunas se fundam na crença em uma ordem moral transcendente, no valor da tradição como elo entre as gerações, no ceticismo diante das mudanças e na organização espontânea das comunidades modernas. A disposição conservadora é essencialmente uma postura cética em relação à engenharia social moderna, ela defende ardentemente a continuidade histórica como pré-requisito para uma liberdade ordenada. O espaço vivido do povo Tikuna hodiernamente não se desvincula da fixação de suas habitações nos *beiradões* - isto é, o território do povo Tikuna está intrinsecamente ligado à localização de suas aldeias próximas aos igarapés adjacentes ao rio Solimões.

Segundo Oliveira (1996), os Tikunas, habitantes da ribeira do Solimões, podem ser categorizados em duas populações distintas: os "índios do igarapé" e os "índios do rio". Os *índios do igarapé estão* congregados principalmente nos igarapés Belém (438 indivíduos), Tacana e São Jerônimo (399 indivíduos). Na primeira metade do século XX, em sua maioria, foram engajados no trabalho de extração de látex para grandes proprietários da região. Ainda segundo Oliveira (1996), a falta de autonomia lhes confere o status de "nação ocupada". Já os *índios do rio*, historicamente habitavam às margens do Solimões, incluindo aqueles que vivem na "reserva indígena" de Mariuçu (510 indivíduos) e grupos agregados a comunidades brasileiras, como Santa Rita do Weil (137 indivíduos).

Com exceção de certos aglomerados, estes grupos Tikunas são considerados "livres", sendo associados à população brasileira através de relações de trabalho voluntárias. Sobre sua estrutura social tribal, é caracterizada

pela formal divisão em metades (moitiés), que são exogâmicas e anônimas, combinada com sua unificação alcançada pelas alianças interclânicas e expressa em uma endogamia tribal.

Os Tikunas são organizados em grupos clânicos patrilineares, identificados com aves ou plantas, que formam as duas metades. Não pertencer a um clã é o mesmo que não ser Tikuna. O sistema de clãs é fundamental para a identificação étnica, fornecendo um código de identificação intratribal e intertribal. Os clãs são identificados com nomes de animais como onça, arara, garça, etc (OLIVEIRA,1996).

As pessoas de clãs de plantas/animais só podem se casar com pessoas da metade "de penas" (ãtchiü). O sistema de parentesco codifica a conduta intratribal por meio dos componentes de Sexo, Geração, Linealidade e Metade. Indivíduos que podem se casar são classificados pelo vocativo too 'ta?a (cônjuge potencial), que abrange todos os Tikunas não aparentados e pertencentes à metade oposta ou plantas/aves (como jenipapo ou arara). O mundo natural, através dos epônimos clânicos (aves e plantas), fornece os signos que simbolizam e ordenam o mundo social e a vida tribal.

As tradições Tikuna (Tükúna) são profundamente enraizadas em uma cosmovisão que conecta a origem do universo e da humanidade diretamente à floresta amazônica, considerada patrimônio eterno do povo. Por exemplo, o mito fundante da floresta amazônica está relacionado à derrubada da Samaumeira: "No princípio, o mundo estava em escuridão e frio, coberto por uma enorme samaumeira (wotchine)". Os irmãos culturais Yo'i e Ipi tiveram que derrubar a árvore para que a luz aparecesse. O tronco dessa samaumeira caída deu origem ao Rio Solimões, e seus galhos formaram os outros rios e igarapés (GRUBER, 1997, p.15).

O mundo místico dos Tikunas envolve seres espirituais que são os "donos" e guardiões dos recursos naturais da floresta. Curupira, por exemplo, é o dono da mata e mora nas sapopemas da samaumeira. Diz-se que ele tem os cabelos compridos e os pés virados. assusta caçadores batendo nas raízes das árvores e encanta as pessoas. O Wüwürü é o dono do buriti (tema) e vive no meio do buritizal. Os Tikunas contam que ele possui dentes fortes, unhas grandes e esporões nos pés, e que mata as pessoas fazendo cócegas para depois devorá-las (GRUBER, 1997, p.29).

Segundo Durkheim (1996), as concepções religiosas primitivas não são meramente ilusões, mas expressões de realidades profundas. O sentimento religioso, o entusiasmo e a exaltação não podem ser atribuídos a seres imaginários, mas sim a forças morais e impessoais que realmente existem. Na ordem tribal Tükúna, fundem-se natural e social em uma mesma ordem mística.

A transmissão da tradição e o papel da memória ancestral entre os Tükúna são realizados por meio de uma combinação de práticas culturais, narrativas míticas e, fundamentalmente, pela educação indígena. A memória ancestral e a tradição não são apenas lembranças, mas sim um patrimônio eterno que define a identidade Tükúna e a relação deles com o meio ambiente. Os mitos de origem e as histórias contadas pelos velhos são cruciais para a transmissão da memória e do conhecimento sobre o mundo.

O ritual da Festa da Moça-Nova é uma cerimônia sagrada instituída por Yo'i, o herói cultural, para garantir que o povo não esqueça suas tradições. Elementos culturais como o jenipapo (pintura corporal) são usados para proteger a vida das pessoas contra doenças e males, ilustrando o uso de práticas simbólicas para proteção contra o mal.

A pintura com jenipapo é um elemento cultural fundamental que protege contra doenças e males. A pintura facial na Festa da Moça-Nova serve para mostrar a nação de cada pessoa, reforçando a estrutura social clânica. A tradição também é transmitida na forma de conhecimento esotérico, como o papel do pajé ao chamar o espírito das árvores (samaumeira, cedro, açacu, etc.) para curar as pessoas. A memória ancestral adverte sobre a necessidade de respeitar as árvores (como a maçaranduba) para não adoecer o filho ou fazer seu espírito ir embora.

Na sociedade Tikuna a religião também se manifesta em contextos de fricção interétnica e dominação. O engajamento no Movimento da Santa Cruz (surtos messiânicos) ilustra como o Tükúna buscou na esfera religiosa (sobrenatural) uma saída para suas privações e subordinação ao domínio do "civilizado". Esse movimento trouxe benefícios como o fortalecimento do senso de fraternidade grupal, a retomada do comunitarismo tribal e a reafirmação da identidade étnica dos Tukúna. Esses movimentos expressam o anseio por um cataclismo que destruirá os brancos e assegurará a sobrevivência dos índios em fartura e paz (ORO, 2005).

Esses exemplos de manifestações culturais e religiosas, tanto na prática cotidiana quanto em momentos de crise, demonstram a centralidade da tradição e da espiritualidade na manutenção da identidade e da resistência Tikuna diante de desafios internos e externos.

Em nossa argumentação, a tradição e ordem mística tikuna apresenta paralelismos e pontos de tensão daquilo que se reconhece como estado conservador clássico ocidental. Isso decorre naturalmente do *ethos* do povo Tikuna estar fundamentado numa ordem cosmológica própria de espiritualidade e de ecologia. A tradição tikuna, embora constitua uma forma própria de organização cultural ancestral, não se enquadra na definição de conservadorismo no sentido ocidental.

Contudo, o conservadorismo como pensamento moral e político se constrói na ideia de “tradição orgânica” e “original”. Esse é o elemento que ressalta a resistência cultural frente a deterioração desta ordem orgânica primitiva e indiferente à circularidade e temporalidade da modernidade.

Para avançarmos na distinção essencial entre os fundamentos ontológicos, religiosos e políticos dos princípios do conservadorismo ocidental e a tradição Tikuna é razoável ultrapassarmos a barreira do anacronismo, destacando os pontos de intersecção entre a transmissão da tradição e o papel da memória ancestral Tikuna.

3. Tradição Tikuna e conservadorismo: convergências e tensões

A discussão sobre os Movimentos Messiânicos entre os Tikunas está fortemente contextualizada nas mudanças históricas da região, especialmente durante a fase do Campesinato Marginal (período após a queda do preço da borracha em 1912), quando a capacidade aquisitiva dos Tikunas foi reduzida. Estes movimentos serviram como respostas socioculturais a condições de vida adversas, muitas vezes frustradas pelas relações de exploração e domínio dos seringalistas.

Os movimentos messiânicos entre os Tikunas são caracterizados por uma mistura de elementos tradicionais e preocupações pós-contato. Se caracterizam como uma resposta à movimentos desterritorializantes, processo pelo qual um território é abandonado ou desfeito. Essa ruptura, segundo Haesbaert (2019), *Revista Ocidente*, v. 1, nº 2, p. 1-16, out./dez. 2025.

pode ocorrer em diferentes escalas e contextos, e se efetua desde o nível individual, social e geográfico. São movimentos essenciais para a transformação e criação de novas realidades, sejam elas físicas, sociais ou conceituais. O autor ainda destaca que a destruição de um território (desterritorialização) é sempre acompanhada pela construção de outro (reterritorialização): “os dois processos se relacionam, um perpassa o outro, devemos ressaltar novamente que, para os dois movimentos, existem também movimentos de reterritorialização” (HAESBAERT, 2019, p.130)

Sobre os movimentos messiânicos, Oliveira (2015) destacou um quadro actancial que envolve essas insurreições, entre eles as *Profecias de Catástrofe e Retorno à Tradição (1938–1940)*², *Movimentos Ligados ao SPI (Serviço de Proteção Indígena) (1945–1946)*³, e o mais importante, o *Movimento da Santa Cruz (1971)*. Este último, deflagrado pelo Irmão José (um não indígena, mineiro, que se vestia como frade e portava a Bíblia) a partir de 1971, e que foi o movimento messiânico mais transformador e tratado como o fato gerador do processo de urbanização entre os Tikunas. Segundo Oliveira (2015), o movimento da Santa Cruz não só impulsionou a migração das famílias dos igarapés para as margens do Solimões (antigas áreas de seringais), mas também proporcionou uma "ideologia normativa" que permitiu a formação da facção dominante em aldeamentos como Umariáçu.

O Movimento da Santa Cruz obteve uma adesão notável e profunda entre os Tikunas. A resposta ao chamado do profeta e de seus emissários foi imediata, os índios reuniram-se em torno das cruzeiras plantadas à beira do Solimões, vindo a constituir a maior parte dos grandes aglomerados Tikunas de hoje (OLIVEIRA, 2015, p.97).

A ocorrência desses surtos de fé não pode ser explicada apenas pela mitologia Tikuna. Eles não são determinados pelo simples contato, mas sim pelas

² Movimento Tikuna de resistência cultural e política, que se manifesta sob a forma de uma utopia milenarista de restauração, incorporando elementos da mitologia tradicional (Ipi e Dyoi, Évare) com a promessa de acesso aos bens do mundo não-indígena (os bens da "civilização") para escapar da situação de exploração colonial.

³ Um movimento milenarista gerou pânico nos igarapés Tacana e Belém, com a crença de que uma enchente de água fervendo mataria todos, exceto aqueles nas terras do Posto Indígena Tikuna (PIT) em Umariáçu. A afluência de 150 indígenas para Umariáçu, resultando em uma vida livre do domínio do seringal, marcou a primeira vez que um movimento messiânico resultou em prejuízos aos seringalistas.

condições socioeconômicas que dele decorrem, especialmente a espoliação e o domínio dos indígenas pelos seringalistas.

Os movimentos messiânicos demonstraram uma evolução no papel do profeta (de um garoto monolíngue para um homem não indígena) e nos objetivos buscados, que se tornaram progressivamente mais abrangentes e contemporâneos, integrando-se aos projetos de incorporação à nação brasileira. O movimento de 1971, em particular, forneceu uma ideologia que permitiu a formação de uma facção dominante em Umariáçu, que conseguiu impor sua hegemonia ao unificar experiências Tikunas e não indígenas, adaptando-se às novas condições de vida em aldeamento e satisfazendo as demandas da estrutura administrativa da FUNAI.

O resgate da tradição Tikuna nos movimentos messiânicos não se deu de forma linear ou homogênea, mas sim através de uma complexa reinterpretação dos valores culturais e míticos em resposta às pressões socioeconômicas impostas pela sociedade envolvente, especialmente o regime seringalista. Os movimentos messiânicos atuaram como veículos para a formulação de um projeto de inversão da dominação, utilizando elementos tradicionais para estruturar a resistência e a esperança de um novo modo de vida. Os primeiros surtos messiânicos - principalmente nas décadas de 1930 e 1940 - buscaram explicitamente a restauração de um modo de vida tribal.

O Movimento da Santa Cruz (MSC) de 1971 representou uma tendência mais "realista" e integrada à situação histórica presente, em comparação com os surtos anteriores. As bases do conservadorismo cristão foram semeadas a partir do moralismo ascético que proibia o consumo de bebidas alcoólicas, jogos de azar, adultério, dança, fumo e o uso de enfeites (como anéis e relógios). A ênfase no valor do trabalho e do esforço individual e a necessidade de transformar a vida moral eram acompanhados da fetichização da Bíblia, vista como contendo ensinamentos acessíveis a todos, o que estimulava a alfabetização e o uso do português (OLIVEIRA, 2015, p.91).

O Movimento de Santa Cruz, segundo Oliveira (2015), estabeleceu um projeto de restauração do antigo modo de vida, concretizado pelo retorno à terra firme e o abandono da seringa, restauração da vida em malocas⁴, porém sob uma

⁴ As técnicas que permitiram a transformação de famílias que viviam em uma economia indígena em seringueiros incluíram métodos diversos, da sedução das mercadorias e do reconhecimento
Revista Ocidente, v. 1, nº 2, p. 1-16, out./dez. 2025.

nova autoridade de cunho religioso.

Russell Kirk, ao discutir os princípios conservadores de Edmund Burke, afirma que a civilização e as boas maneiras dependem de dois pilares: "o espírito de um cavalheiro, e o espírito de religião". A religião, por sua vez, sustenta a "imaginação moral"- o poder de percepção ética que aspira à ordem correta na alma e na comunidade -, necessária para erguer a natureza humana "à dignidade de nossa estima" e esconder seus "defeitos de nossa natureza árida e corrompida

Conforme Oliveira (2015), o Movimento de Santa Cruz delineou um projeto de resgate do modo de vida tradicional por meio do sincretismo religioso da figura do "Pajé Profeta" em suas visões escatológicas⁵ de busca da restauração social e territorial. O projeto era formulado em termos tradicionais, preconizando o retorno à terra firme e o abandono da seringa, que representava o trabalho forçado e a submissão aos "patrões". A ambição era a restauração da vida em malocas, o que contrastava com a dispersão imposta pela empresa seringalista.

O Movimento da Santa Cruz entre os Tikunas, liderado pelo Irmão José Francisco da Cruz, a partir de 1971 estabelece um diálogo profundo, embora complexo e até paradoxal, com os princípios do conservadorismo. Esse diálogo se manifesta primariamente na imposição de uma ordem moral rígida, na busca por uma verdade absoluta e na rejeição veemente do que é percebido como decadência social e moral. Um dos pilares do conservadorismo, conforme articulado nos excertos de Russell Kirk, é justamente a defesa da ordem e da consciência normativa, que ajuda a formar o caráter moral de uma geração.

O Movimento da Santa Cruz se alinhou a essa perspectiva de forma agressiva em três características principais. A primeira foi a *Rejeição à Desordem*: a doutrina do Irmão José era marcada por um moralismo extremo, que visava explicitamente acabar com os "maus costumes". Isso incluía a proibição terminante do consumo de bebidas alcoólicas (cachaça e bebidas tradicionais como caçuma e pajauru), jogos de azar, adultério, dança e fumo. A segunda característica se traduz na formulação de uma *Consciência Normativa*, onde para

dado pelo batismo até modalidades de incorporação muito violentas, com a destruição das antigas malocas, a dispersão das famílias pelos igarapés em pequenas unidades de coleta e a instauração de um regime compulsório de trabalho (OLIVEIRA, 2015, p.228).

⁵ As crenças messiânicas representaram para os Tikunas uma promessa de inversão da sua situação de então: os civilizados submergiram em uma enchente, enquanto os Tikunas sobreviveriam e teriam uma vida de fartura, supridos dos bens de consumo da sociedade envolvente (OLIVEIRA, 2015, p.77).

os Tikunas e as autoridades tutelares (FUNAI e CF-Sol), o Movimento da Santa Cruz transformou os adeptos em um povo "ordeiro, humilde e trabalhador". Essa nova conduta moral era uma forma de vencer os preconceitos que viam os Tikunas como "beberrões, brigadores e violentos". O Movimento da Santa Cruz ofereceu, portanto, uma nova ideologia normativa que deu força moral à atuação de seus líderes. E a terceira característica foi *A Reação à Imaginação Diabólica*. O conservadorismo, como discutido por Kirk, alerta que se o público rejeitar a imaginação moral, cairá na imaginação diabólica, onde "os deuses dos cadernos com fogo e abate retornam". O Movimento da Santa Cruz reagiu a esse tipo de decadência (real ou percebida) ao proibir comportamentos e objetos modernos, como o uso de rádios e vitrolas (por conduzirem à dança e à tentação), e o uso de enfeites (anéis, relógios, perfume). Isso pode ser lido como um esforço para impor a verdade poética e moral e evitar a degradação.

O Movimento da Santa Cruz rejeitou o pluralismo e a instabilidade, buscando ancorar sua nova ordem em princípios considerados universais e imutáveis, o que é um traço central do pensamento conservador. Uma fonte de autoridade inquestionável foi instituída, a figura de Cristo e a Bíblia eram vistas como contendo ensinamentos acessíveis a todos, sendo a base da nova doutrina e o meio para desmascarar o embuste. Isso estabeleceu uma fonte de verdade fixa e escrita, substituindo as tradições orais e os cultos católicos pré-conciliares que o Irmão José acusava de terem "desviado e monopolizado conhecimentos". Essa hierarquia interna, onde o Irmão José era visto como um enviado divino com poder de Deus, estava acima de qualquer legislação ou instituição local, garantindo uma verticalidade de comando que o conservadorismo preza (ORO, 2005).

O Movimento da Santa Cruz apesar de pregar o retorno ao aldeamento, representou a instituição de uma nova ordem purificada, que ironicamente, exigia uma ruptura violenta com a desordem do passado, fosse ela tradicional ou imposta pelo seringal. Portanto, o Movimento não era conservador no sentido de preservar as formas culturais indígenas ancestrais, mas sim no sentido de ser reformista, buscando conservar um novo conjunto de valores morais e sociais que se alinhavam com o projeto de incorporação à sociedade nacional e que eram vistos como o caminho para a salvação e a prosperidade. Entre as prescrições morais estabelecidas destacam-se "não praticar a poligamia (...), não assistir a festas imorais entre elas figura a Festa da Moça-Nova, principal rito de passagem

Revista Ocidente, v. 1, nº 2, p. 1-16, out./dez. 2025.

Tukúna (...) não usar vestidos acima dos joelhos e que não possuam mangas” (ORO, 2005, p.34)

O faccionalismo do Movimento da Santa Cruz operou um novo modo de ordenamento político-religioso, permitindo que as famílias Tikunas passassem a conviver e se articularem com vizinhos regionais. O estabelecimento de uma ordem normativa e disciplinadora em um contexto de transformação social, buscava elevar o status moral da coletividade. Portanto, a associação do Movimento da Santa Cruz com o conservadorismo reside no fato de que ele é um projeto político-religioso que utiliza a fé para instituir padrões de comportamento ordeiros e normativos, essenciais para a formulação e para a integração (em termos moralmente aceitáveis) dos Tikunas na sociedade nacional, o que é análogo ao papel que a "imaginação moral" e o "espírito de religião" desempenham na manutenção da civilização ocidental, segundo o pensamento conservador

O messianismo Tikuna é uma reação de conteúdo político à situação colonial e de submissão aos regionais, funcionando como um mecanismo ideológico para preservar a identidade étnica. O Movimento da Santa Cruz foi visto pelos Tikunas como a realização de sua esperança, a chegada do messias que os salvaria da catástrofe profetizada e garantiria a sua libertação. O faccionalismo promovido pelo Movimento no povo Tikuna não deve ser visto como uma "patologia" ou desorganização social, mas sim como um instrumento para adaptações e mudanças que permitiu o estabelecimento e funcionalidade de uma nova forma de organização social.

Considerações Finais

O presente ensaio buscou estabelecer um diálogo analítico entre o pensamento conservador clássico, sistematizado por Russell Kirk, e a lógica interna da tradição Tikuna, um povo indígena da Amazônia. A hipótese central de que certos elementos do conservadorismo – como a valorização da ordem moral, da continuidade histórica e da sabedoria ancestral – encontrariam ecos nas estruturas de coesão social Tikuna, embora com as devidas ressalvas sobre as profundas tensões e incompatibilidades ontológicas e culturais entre as duas cosmovisões.

Na primeira seção, a análise do conservadorismo kirkiano o define não

como uma ideologia rígida, mas como uma disposição ética e uma "metodologia" de resistência que protege a ordem social e as identidades contra a desterritorialização cultural, priorizando a prudência e a sabedoria acumulada da tradição.

A segunda seção demonstrou a centralidade da tradição e da ordem mística na sociedade Tikuna, onde a cosmovisão é cíclica, a autoridade é ritualizada e o mundo natural se funde com o social. A memória ancestral é um "patrimônio eterno" transmitido por mitos e rituais como a Festa da Moça-Nova, essenciais para a identidade e a resistência. Contudo, essa tradição, embora baseada em um robusto sistema de conservação cultural, opera sob uma lógica distinta do conservadorismo ocidental, fundamentada em uma ecologia e espiritualidade próprias.

A terceira seção, por sua vez, evidenciou a complexidade dessa interlocução ao analisar os Movimentos Messiânicos Tikuna, em especial o Movimento da Santa Cruz (MSC) de 1971. O MSC, surgido em resposta à exploração seringalista e à subordinação, revelou uma tendência paradoxal: ao mesmo tempo que buscava a restauração do modo de vida tradicional (retorno à terra firme), impunha uma nova ordem moral rígida, inspirada em um conservadorismo cristão ascético.

O MSC, liderado pela autoridade religiosa vertical e inquestionável do Irmão José, utilizou a fé para instituir padrões de comportamento ordeiros e normativos, rejeitando a desordem, o pluralismo e a decadência percebida (representada, inclusive, pela proibição de ritos tradicionais como a Festa da Moça-Nova). Nesse sentido, o movimento se alinha com a função normativa e disciplinadora do pensamento conservador de Kirk, qual seja, formar o caráter moral e a ordem social. Entretanto, essa "conservação" se deu por meio de uma ruptura com as formas culturais ancestrais, sendo um projeto reformista que visava à salvação e à integração (em termos moralmente aceitáveis) à sociedade nacional, e não a uma preservação orgânica do *status quo* tradicional Tikuna.

Em conclusão, o conservadorismo de matriz ocidental e a tradição Tikuna não são categorias intercambiáveis. O *ethos* Tikuna é um exemplo robusto de conservação cultural, mas sua resistência se constrói a partir de fundamentos cosmológicos e políticos que não podem ser simplesmente enquadrados nos pressupostos liberais e institucionais do conservadorismo moderno. No entanto, a análise dos movimentos messiânicos demonstrou que em contextos de fricção interétnica, a busca por uma ordem moral e uma verdade absoluta, bem como por

Revista Ocidente, v. 1, nº 2, p. 1-16, out./dez. 2025.

um projeto de restauração (mesmo que sincrético e reformado), opera como um poderoso mecanismo político-ideológico de resistência e rearticulação social. Nesse contexto, observou-se um processo de desterritorialização e reterritorialização cultural dos tikunas a partir da incorporação de elementos do conservadorismo cristão materializados no cotidiano dos aldeados da região do Umaríçu, empreendido pelo Movimento da Santa Cruz.

Portanto, o valor desta análise reside em explorar as intersecções temáticas (ordem, tradição, sabedoria, prudência) da tradição Tikuna com o conservadorismo kirkiano, não para rotular a cultura Tikuna, mas para ampliar a compreensão sobre a diversidade das formas de conservação cultural e para problematizar o uso político-ideológico do termo "tradição" nas disputas contemporâneas sobre identidade, território e memória.

Referências

ATAÍDE, Luiz. ***Tabatinga, sua história no contexto do Alto Solimões e da Região Tri-Fronteira***. Letícia-COL: Alejandro Cueva Ramírez, 2020.

DURKHEIM, Émile. ***Formas Elementares Da Vida Religiosa: O Sistema Totêmico na Austrália***. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FOLHA DE S.PAULO. "Seita muda hábitos dos índios Tikunas." *Folha de S.Paulo* [São Paulo], 05 dezembro 1999, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0512199908.htm#:~:text=Ele%20admite%20que%20as%20pr%C3%A1ticas,anos%20e%20preservam%20a%20l%C3%A9ngua%20tikuna%20e%20a%20cultura%20dos%20ind%C3%A9s%20do%20Alto%20Solim%C3%B5es%20e%20da%20Regi%C3%A3o%20Tri-Fronteira%20e%20da%20Regi%C3%A3o%20do%20Umar%C3%ACU> Acesso: 02.11.2025.

GRUBER, Jussara Gomes. ***O livro das árvores***. Benjamim Constant: Organização Geral dos Professores Tikuna Bilíngües, 1997.

HAESBAERT, Rogério. ***O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade***. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

KIRK, Russel. ***A Mentalidade Conservadora***. São Paulo: É Realizações, 2020.

_____. ***A Política da Prudência***. São Paulo: É Realizações, 2013.

OLIVEIRA, João Pacheco de. ***Regime tutelar e faccionalismo: política e religião em uma reserva Tikuna***. Manaus, UEA Edições, 2015.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. ***O índio e o mundo dos brancos***. 4ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

ORO, Ari Pedro. “Os índios Tukuna e o movimento da Santa Cruz.” In *Revista de Antropologia Social*, vol. v. 10, no. 2, jul./dez. 2005, pp. 45-60. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/c1ba51f...b0b187e8>. Acesso: 06.10.2025.

Recebido em 02.11.2025.

Publicado em 15.12.2025.